REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 9, n. 1, jan.-abr. 2023
Missões

A PRESENÇA DE PROFESSORES HOMENS EM CLASSES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: TENSÕES E RESISTÊNCIAS

LA PRESENCIA DE PROFESORES VARONES EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN INFANTIL: TENSIONES Y RESISTENCIAS

THE PRESENCE OF MALE TEACHERS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION CLASSES: TENSIONS AND RESISTANCES

Recebido em: 23/01/2023
Aceito em: 18/04/2023

Adeilson de Paula[1]
Maria Alice Rezende Gonçalves[2]

Resumo: O presente artigo tem como objetivo investigar como se deu o processo de inserção e de permanência do docente do gênero masculino na Educação Infantil, uma vez que esse segmento da educação é um ambiente historicamente dominado por docentes mulheres. Assim, verificaremos as trajetórias profissionais dos docentes, compreendendo as razões que os levaram a decidir por essa área predominantemente feminina do magistério. Empregamos a metodologia quantitativa e qualitativa como caminho para a problematização do caso, que permitiu a análise dos dados coletados. Foram aplicados 2 (dois) questionários através da Plataforma *Googledoc* com questões fechadas e abertas realizadas com os docentes do gênero masculino por meio do compartilhamento de link do formulário pelas redes sociais *Whatsapp*, *Facebook* e por *e-mail*. Utilizamos neste trabalho as percepções e considerações de 11 docentes participantes da pesquisa que atuam ou atuaram na Educação Infantil, em unidades educacionais do estado do Rio de Janeiro. Concluímos que a principal forma de entrada e permanência dos docentes do sexo masculino na Educação Infantil é a aprovação e posse nos concursos públicos. No entanto, é necessário construir uma Educação Infantil com equidade de gênero onde os homens sejam incluídos nesse segmento, como as experiências de nossos entrevistados demonstraram.

Palavras-chave: Docente. Gênero. Educação Infantil. Equidade.

Resumen: Este artículo se propone indagar cómo se dio el proceso de inserción y permanencia del maestro varón en la Educación Inicial, ya que este segmento de la educación es un ámbito históricamente dominado por las maestras. Así, comprobaremos las trayectorias profesionales de las profesoras, comprendiendo las razones que las llevaron a decidirse por esta área de enseñanza predominantemente femenina. Empleamos la metodología cuantitativa e cualitativa como forma de problematizar el caso, lo que permitió el análisis de los datos recogidos. Se aplicaron 2 (dos) cuestionarios a través de la Plataforma *Googledoc* con preguntas cerradas y abiertas realizadas a los profesores varones a través de compartir el enlace del formulario por las redes sociales *Whatsapp*, *Facebook* y por correo electrónico. Utilizamos en este trabajo las percepciones y consideraciones de 11 profesores participantes en la investigación que trabajan o han trabajado en la Educación Infantil en unidades educativas del estado de Río de Janeiro. Concluimos que la principal forma de ingreso y permanencia de los maestros varones en la Educación Infantil es la aprobación y posesión en los concursos públicos. Sin embargo, es necesario construir una Educación Infantil con equidad de género en la que se incluya a los hombres en este segmento, como lo demostraron las experiencias de nuestros entrevistados.

Palabras-clave: Profesor. El género. Educación Infantil. La equidad.

Abstract: This article aims to investigate how the process of insertion and permanence of the male teacher in Early Childhood Education took place, since this segment of education is an environment historically dominated by

[1] Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: adeilsondepaula@gmail.com
[2] : Doutora Em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora Titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: marialicerezende@uol.com.br

women teachers. Thus, we will verify the teachers' professional trajectories, understanding the reasons that led them to decide for this predominantly female area of teaching. We employed the quantitative and qualitative methodologies as a way to problematize the case, which allowed the analysis of the data collected. We applied 2 (two) questionnaires through the Googledoc Platform with closed and open questions that were carried out with male teachers by sharing the link of the form through the social networks Whatsapp, Facebook and by e-mail. In this work we used the perceptions and considerations of 11 teachers participating in the research who work or have worked in Early Childhood Education in educational units in the state of Rio de Janeiro. We concluded that the main way for male teachers to enter and remain in Early Childhood Education is through approval and tenure in public competitions. However, it is necessary to build an Early Childhood Education with gender equity where men are included in this segment, as the experiences of our interviewees have shown.

Keywords: Faculty. Gender. Early Childhood Education. Equity.

INTRODUÇÃO

Exercer uma atividade em um ambiente onde o docente masculino é notado como um intruso e extraordinário, pode e deve ser questionado pelo grupo sub-representado na Educação Infantil. Em nosso estudo, o grupo investigado foram professores do sexo masculino que exercem a atividade docente regente na Educação Infantil (EI). O presente artigo tem como objetivo investigar como se deu o processo de inserção e de permanência do docente do gênero masculino na Educação Infantil, uma vez que esse segmento da educação é um ambiente historicamente dominado por docentes mulheres. Assim, verificaremos as trajetórias profissionais dos docentes, compreendendo as razões que os levaram a decidir por essa área predominantemente feminina do magistério. Empregamos as metodologias qualitativa e quantitativa como caminhos para a problematização do caso, que permitiu a análise dos dados coletados. Foram aplicados 2 (dois) questionários através da Plataforma *Googledoc* com questões fechadas e abertas realizadas com os docentes do gênero masculino por meio do compartilhamento de link do formulário pelas redes sociais *Whatsapp*, *Facebook* e por *e-mail*. Utilizamos nesse trabalho as percepções e considerações de 11 docentes participantes da pesquisa que atuam ou atuaram na Educação Infantil, em unidades educacionais do estado do Rio de Janeiro (RJ).

Neste artigo, os termos docente do sexo masculino e docente do sexo feminino são empregados para designar o sexo anatômico, categoria fixa e docente homem e docente mulher para se referir ao gênero, construção social que em nossa sociedade atribui papeis sociais arbitrariamente ligados ao sexo. Tal distinção será relevante para entendermos um dos canais de acesso dos homens a Educação Infantil, os concursos públicos onde o candidato deve optar entre duas categorias classificatórias: sexo masculino e sexo feminino. Além disso pressupomos que a Educação das crianças pequenas tem sido um espaço generificado onde a mulher e seus papéis de gênero são dominantes. A presença masculina nesses espaços tem

gerado tensões e conflitos tanto da parte do corpo docente quanto dos responsáveis pelas crianças. A pergunta que norteou este artigo foi: Qual seria a motivação e a justificativa dos docentes homens para ingressarem em um segmento de ensino predominantemente feminino?

Os dados do Censo[3] da Educação Básica de 2019, mostram que na educação básica[4] os professores do sexo masculino representam 20,34% dos docentes, enquanto as docentes do sexo feminino representam 79,66%.

Ainda com base nos apontamentos do Censo, separando os dados referentes à Educação Infantil como modalidade creche e modalidade pré-escola, os docentes do sexo masculino atuando na modalidade creche, eram 7.911, enquanto os docentes do sexo feminino somavam 304.704, representando assim, 2,5% e 97,5%, respectivamente. Já na educação infantil modalidade pré-escola, eram 17.529 docentes do sexo masculino e 310.170 docentes do sexo feminino, o que representa 5,3% e 94,7% respectivamente.

Sendo assim, por mais que a profissão docente não seja distinta para um gênero específico, a cultura da sociedade alcança a escola, tornando-a um ambiente de trabalho que se revela não neutro em relação ao gênero do professor. Sargent (2005) diz que em relação ao gênero existem símbolos, imagens e formas de consciência que são utilizados para uma certa divisão das profissões. Na Educação Infantil a principal é a "professora mãe", direcionando ao gênero feminino essa etapa da educação. Nessa perspectiva, as "severas imposições biológicas e ocupacionais no uso dedicado ao cuidado com as crianças" (ANYON, 1990, p. 15) trazem a compreensão e o entendimento de que a Educação Infantil é observada como um ambiente em que o educar e o cuidar das crianças pequenas estão conectados entre si e ligados ao gênero feminino por conta da associação com a maternidade. Observamos, por outro lado, que o sexo masculino geralmente é observado como macho, insensível, durão, sem jeito para o educar e o cuidar de crianças pequenas, por conseguinte, a paternidade se posicionaria de maneira desigual e diferente em relação à maternidade.

Enquanto na maternidade a mãe é compreendida como a figura presente no dia a dia e participante do processo de desenvolvimento da criança, a paternidade é entendida e observada

[3] Censo Educacional: Baseados em princípios fundamentais que orientam a produção e a divulgação das estatísticas educacionais oficiais produzidas pelo INEP com o objetivo de promover uma conduta profissional adequada, a manutenção da qualidade das estatísticas e a melhoria contínua dos métodos e processos para a sua produção, tratamento, análise e disseminação. São eles: Censo da Educação Superior e Censo Escolar. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/inicio>. Acesso em: 20 nov. 2020.

[4] Obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: a) pré-escola; b) ensino fundamental; c) ensino médio (LDB 9394/96).

como a ausência da figura do pai no cotidiano da criança. Essa ausência pode ter como motivo e exemplo a separação dos pais, negligência ou trabalho do pai, como pontua Bonfim (2021, p. 13), "[n]a maioria das vezes a guarda dos filhos fica com a mãe, e muitos pais acabam se ausentando do contato com eles".

Assim, observamos, em nossa prática educativa, a recorrência de um complexo cenário da ausência da figura masculina no cotidiano da criança pequena. Entretanto, a nossa pesquisa se concentrou no debate sobre a presença ou ausência do professor do gênero masculino nas unidades escolares, pois verificamos que a Educação Infantil se apresenta como cenário um tanto inóspito aos docentes do gênero masculino. Dessa forma, surgiu o interesse de investigar os motivos que levam um professor homem a ingressar e permanecer no segmento da Educação Infantil, e entender os preconceitos, os estigmas, as reações e estranhamentos que esses profissionais viveram/vivem, sentiram/sentem, durante o ofício da profissão docente.

Nessa investigação, ouvimos os docentes do sexo masculino que atuavam ou que já atuaram na Educação Infantil e, por meio da apuração das análises das respostas aos 2 (dois) questionários aplicados com questões fechadas e abertas enviados pela Plataforma *Google,* descrever e interpretar a visão desses docentes protagonistas sobre suas vivências na EI.

Assim, entre os meses de agosto e novembro de 2019, foi realizado o primeiro compartilhamento/envio do questionário através das redes sociais, nesse período obtivemos apenas 6 devolutivas. Entre fevereiro e março de 2020, foi feito novamente o compartilhamento/envio do mesmo questionário, tendo dessa vez 76 respostas. Somando então, as 6 devolutivas do primeiro compartilhamento realizado entre agosto e novembro de 2019, com as 76 devolutivas do segundo envio realizado entre fevereiro e março de 2020, resultou em uma amostragem de 82 respondentes. Após a análise e leitura das respostas, foi possível selecionar 55 professores que atuavam no estado do Rio de Janeiro. Então, de março a abril de 2020, pela necessidade de distanciamento social imposto pela pandemia da Covid-19 foi elaborado e enviado aos 55 professores que residiam no estado do Rio de Janeiro um novo questionário, sendo respondido por 11 docentes. Assim, chegamos aos 11 professores do estado do Rio de Janeiro que são os atores do presente trabalho.

Empregou-se uma metodologia que permitiu a análise qualitativa e quantitativa dos dados coletados. Segundo Ribeiro (2008, p. 13), as técnicas de investigação quantitativas e qualitativas podem ser: "questionário, entrevista, observação direta, registros institucionais e grupo focal" como sendo instrumentos e técnicas de coleta de dados. Devido a pandemia Covid

19, impedidos de mantermos contatos presenciais, nossa coleta de dados foi realizada por meio de ferramentas disponíveis na internet, *o Google Form*. Dentre os instrumentos apresentados por Ribeiro (2008), como formas de coletar os dados, fizemos uso do questionário na plataforma *Google docs* e redes sociais *Facebook* e *Whatsapp* como agentes na relação entre o pesquisador e o objeto da pesquisa. Cabe destacar que formulário e questionário são ferramentas diferentes. O *Google Form,* apesar do nome, a ferramenta guarda especificidades podendo ser considerado um questionário. *Form* em inglês que significa formulário, todavia ele atende as especificidades da ferramenta de pesquisa questionário oferecendo a possibilidade de operarmos tanto com perguntas abertas quanto fechadas. Na verdade, o pesquisador está utilizando um questionário. Assim, as perguntas fechadas foram utilizadas para traçar o perfil dos docentes que responderam o *Google Form* e as perguntas abertas para analisar as experiências dos 11 docentes homens destacados nessa investigação.

Fundamentado por Gil (1999, p. 128), o questionário pode ser definido "como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.".

Gil (1999) ainda conceitua pesquisa como o:

> Procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos (...). A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos (...) ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 1999, p. 45).

A aplicação de questionário por meio da Plataforma *Google doc* permitiu a elaboração de questões fechadas e abertas. As perguntas fechadas possibilitaram a quantificação dos dados de identificação, assim como o perfil dos entrevistados. As perguntas abertas permitiram a análise subjetiva da participação dos informantes como docentes da EI.

Buscou-se, assim, compreender os percalços vividos e vencidos pelos 11 docentes do sexo masculino que estão atuando ou atuaram na educação infantil, através de suas experiências, que serão apresentadas ao longo do trabalho.

PERFIL DOS SUJEITOS

De acordo com os levantamentos feitos e apresentados no desenrolar da pesquisa, por mais que tenhamos conseguido conectar com 82 professores presentes e espalhados pelos quatro cantos do país, sabemos da baixa expressividade em quantidade de docentes se comparados às professoras do sexo feminino. Iremos aqui nos debruçar sobre as trajetórias profissionais de 11 (onze) docentes que estão atuando e/ou atuaram como docentes da EI. Assim, investigaremos acerca dos atravessamentos que nossos personagens passaram e vivenciam em suas rotinas profissionais. Dessa forma, visamos propor e oportunizar que as vozes desses docentes sejam ouvidas, uma vez que eles serão apresentados em seu ambiente de trabalho, ressignificando os ataques sofridos por transgredirem a barreira da divisão sexual da docência na EI e por assumirem essa profissão, como Nóvoa (1992) pontua:

> A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar de processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor (NÓVOA, 1992, p. 16).

Utilizamos a abordagem quantitativa, efetuando o envio/compartilhamento do questionário pelas redes sociais, assim, foi possível alcançar docentes em todo o Brasil. Também lançamos mão da técnica de reenvio e recompartilhamento do questionário feita pelos componentes dos grupos nas redes sociais denominada bola de neve *(snowballsampling)*.

Sobre a técnica bola de neve, Vinuto (2014) assinala que:

> O tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados (VINUTO, 2014, p. 203).

Portanto, consiste na indicação/convite de novos participantes/respondentes a partir da rede de pessoas alcançadas, como esclarece Vinuto (2014):

> A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que

> as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador (VINUTO, 2014, p. 203).

Por meio da técnica bola de neve, cada docente alcançado, reenviava / recompartilhava o link do formulário, chegando assim a outros docentes. Entretanto, utilizamos o espaço geográfico do estado do Rio de Janeiro como critério para afunilar e direcionar nosso campo de pesquisa, chegando aos docentes do sexo masculino que atuam ou atuaram na Educação Infantil no RJ. Dessa forma, alcançamos primeiramente a quantidade de 55 docentes. Com o campo da pesquisa fechado ao estado do Rio de Janeiro, fizemos um novo envio/compartilhamento de outro formulário aos 55 docentes que indicaram que residiam no RJ. Assim, tivemos a devolutiva de 11 docentes, que se tornaram os personagens de nosso trabalho e que serão apresentados abaixo por nomes fictícios devido à preocupação com o anonimato.

Augusto é o primeiro docente respondente da nossa pesquisa, residente na cidade do Rio de Janeiro, cursou faculdade de Educação Física. Por conta de sua formação, trabalhou por vários anos em academia. Assumiu turmas de educação infantil em 2019, após a convocação do concurso público da cidade do Rio de Janeiro. Augusto não fez curso normal, se autoclassifica como branco.

Outro morador do município do Rio de Janeiro é o Prof. Aurélio, que trabalhou como regente de turma em 2019 na rede privada da cidade do Rio de Janeiro. Cursou faculdade de Pedagogia pela UERJ e formou-se em 2018. Se autoclassifica como preto, tem 29 anos de idade e é solteiro.

Gabriel tem 22 anos e se autoclassifica branco, reside em Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense e fez o curso normal. Atualmente cursa Letras, iniciou na Educação Infantil após passar e ser empossado no concurso público do município do Rio de Janeiro em 2020.

Com 49 anos de idade, Guilherme é o nosso próximo docente. Se autoclassifica como branco e exerce a profissão de professor/cineasta/escritor. Licenciado em Artes Visuais, trabalha com Educação Infantil desde 2012, também trabalhou com Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Nova Iguaçu (RJ).

Inocêncio tem 37 anos, se autoclassifica branco, possui licenciatura plena em Educação Física e mestrado em Educação. É professor há 12 anos e atuou com EI de 2016 a 2019 em escola pública no município do RJ. Sempre trabalhou como docente e não fez o curso normal.

Por ser professor de Educação Física, tanto na faculdade quanto nas escolas em que já trabalhou, sempre encontrou outros professores do sexo masculino atuando na sua área.

Autoclassificado como preto e possuindo 32 anos, Júnior é professor desde 2011, ano em que atuou na Educação Infantil nos municípios de Queimados e Nova Iguaçu. Formado em Letras, domiciliado em Nova Iguaçu, trabalhou como assistente administrativo por alguns anos antes de ser empossado na função de professor após a aprovação em concurso público.

Oliveira tem 29 anos, pardo, fez curso normal e está cursando o 8º período de Pedagogia. Residente da cidade do Rio de Janeiro, atua com Educação Infantil desde 2018.

Na sequência, apresentamos o Prof. Ribeiro, 22 anos, autoclassificado como pardo, fez curso normal e licenciatura em Letras. Reside e trabalha na cidade do Rio de Janeiro. Atuou como professor regente da EI de 2015 a 2018.

Já Sergio tem 36 anos de idade, solteiro, branco, morador do município do Rio de Janeiro. Assumiu sua primeira turma de EI (berçário/maternal) no ano de 2020, após ser convocado no concurso público da cidade do Rio de Janeiro. Formou-se em Pedagogia em 2019. Mesmo se identificando com a educação, trabalhou por alguns anos na área administrativa do segmento de engenharia.

Na sequência, apresentamos o Prof. Silva, que se autoclassifica preto, possui 25 anos, domiciliado no município do Rio de Janeiro, mesma cidade em que leciona. Pedagogo, há seis anos trabalha com EI nas redes pública e privada.

Vinicius, diferentemente do seu colega de profissão acima, atuou em diversas profissões antes de se tornar professor. Foi garçom, faxineiro, segurança, vendedor, entre outros. Casado, tem 28 anos, se autoclassifica como pardo, possui licenciatura plena em Pedagogia, mora no município de São Gonçalo, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Atuou com EI de 2004 a 2007, nos municípios de Itaboraí e São Gonçalo na rede privada.

Após apresentar os perfis dos 11 docentes informantes, temos as primeiras impressões, histórias, experiências e vivências das múltiplas diferenças e desigualdades que ora os unem, ora os separam. Alguns marcadores sociais de diferenças, como raça/etnia, moradia, idade, tempo de ingresso no serviço público, orientação sexual, entre outras categorias foram enfatizadas pelos docentes, trazendo as potenciais desigualdades enfrentadas pelos mesmos.

Através da combinação, cruzamento de alguns desses marcadores que demarcam as vivências da vida de cada sujeito, foi possível constatar que os docentes LGBTQIA+, pretos e acima dos 30 anos, enfrentaram maiores resistências e sofreram mais discriminações em suas

práticas. Por outro lado, os docentes com idades abaixo dos 30 anos, brancos / pardos e heterossexuais, enfrentaram poucas ou nenhuma barreiras nas escolas que atuam/atuaram ou com as famílias dos alunos.

Conforme descrevemos acima, foram 11 docentes do sexo masculino que atuam ou atuaram como regente de turma de EI, das redes pública e privada do estado do Rio de Janeiro, que terão suas "vozes" ouvidas e relatadas na nossa pesquisa. Cabe realçar que os respondentes são do sexo masculino e se identificam como homens e suas expressões de gênero são masculinas.

A DOCÊNCIA MASCULINA COMO PONTO CENTRAL

Os docentes do sexo masculino que atuaram ou atuam na Educação Infantil, formam nosso grupo investigado, enfatizando as questões de gênero que acompanham a identidade de homem na prática docente da EI e na sociedade. Fonseca (2010) direciona e conecta o trabalho com a EI ao sexo feminino, pois "[c]uidar, tomar conta (das crianças) é o desempenho do gênero feminino, já que por se aproximarem dos atributos maternos, ao lado de outras que socialmente se atribuem ao gênero".

Compreendemos que não se trata de uma hierarquização da docência na EI, uma vez que essa divisão sexual das profissões ocorre na sociedade, consolidando as hierarquias de gênero, tornando-as naturais. De um lado, o homem que rompe esse padrão estipulado e construído socialmente, não deveria, mas tem sua masculinidade e sexualidade questionada, como acontece atualmente. Do outro essa escolha implica no enfrentamento de preconceitos e discriminações por estarem "fora do lugar", ou seja, em um espaço destinado à mulher. Vivenciando essas duas possibilidades de interpretação de suas escolhas, alguns homens escolhem a profissão de docente na EI.

Procurando instituir um diálogo acerca das experiências dos docentes do sexo masculino que atuam na EI acerca da construção de suas masculinidades, destinamos uma passagem da nossa pesquisa a fim de entender como ocorreu a transposição desses docentes a esse nicho da educação. Assim, a partir da pergunta: "Já trabalhou em outras atividades profissionais?", obtivemos as devolutivas dos 11 docentes, em que a maioria dos respondentes (81,8%) informou que a EI não foi a primeira opção de profissão ou atividade profissional exercida, enquanto 18,2% afirmaram que a EI foi a primeira e única escolha para trabalharem. Diante das

perguntas realizadas, foi possível constatar em suas respostas que a entrada na EI aconteceu principalmente após a aprovação e convocação em concurso público como assinalado abaixo:

> *Sim. ...as oportunidades em sua maioria foram através de processos seletivos de prefeitura. (Prof. Vinícius)*
> *Sim. O concurso do Rio de Janeiro foi para EI. (Prof. Guilherme)*
> *Sim. Primeira aprovação em concurso. (Prof. Júnior)*

Os docentes que fazem a opção por este nível de ensino, em sua maioria, gostam e se sentem realizados na profissão, porém enxergam a Educação Infantil como um campo hostil e de grandes embates, enquanto as outras etapas da educação são mais acessíveis e de menos confronto para os docentes do sexo masculino atuarem, uma vez que quanto maior a idade e as séries, maior também é a presença desses docentes. Sendo assim, quanto menor a idade dos alunos, maiores serão os conflitos e os percalços que os docentes do sexo masculino enfrentarão em suas vivências docentes.

As mudanças de profissão ocorrem com as aprovações nos concursos públicos, como evidenciaram em suas falas, porém a área já era almejada pelos professores.

> *Sempre gostei de crianças menores pelo fato de que eles não apresentam rejeição às atividades propostas, quase sempre todos querem participar das aulas. (Prof. Augusto)*
> *Magistério é a profissão que eu amo e nasci, Educação Infantil em especial. (Prof. Oliveira)*
> *Eu sempre gostei de ensinar, era algo muito íntimo, parece que nasci para ensinar. (Prof. Vinicius)*

Nossos respondentes também foram questionados sobre como ocorreu a escolha pela docência.

> *Sempre quis lecionar, transmitir conhecimentos e ajudar na formação das crianças. (Prof. Augusto)*
> *Nunca pensei em ser outra coisa senão professor. (Prof. Gabriel)*
> *Desde a infância. (Prof. Oliveira)*
> *Paixão, desde sempre. (Prof. Sérgio)*
> *Foi instinto. (Prof. Vinicius)*

Sobre as falas acima, mesmo que os docentes entendessem que a escolha da docência foi instinto, paixão ou até mesmo como o prof. Vinícius comentou que tenha nascido para exercer a profissão, Rabelo (2010) reconhece que:

> o magistério não é uma vocação ou um "chamado" feminino, pois esta é uma profissão que exige sólida formação pedagógica, esforço, dedicação, competência e espírito de classe, que precisa, também, de boas condições de trabalho e remuneração compatível. Somente então é possível enfrentar a relação com os alunos com afeto, mas sem o disfarce do amor e pleiteando salários mais justos, através de sua participação em seu órgão de classe (RABELO, 2010, p. 167-168).

Portanto, por mais que nas falas os professores destaquem uma certa vocação para a educação/docência, é necessário e imprescindível o curso de formação de professores para habilitá-los para a docência.

A investidura na educação por meio de concurso público foi um fato bastante citado entre os docentes, uma vez que a rede privada tem liberdade e maior autonomia em não aceitar determinado profissional para fazer parte de seu quadro funcional. Dessa forma, pensando nos estigmas vivenciados, como o receio por parte das famílias causando pressão nas unidades escolares, entre outros, configuram os enfrentamentos que o docente da EI encara ao tentar entrar nesse meio tão conflituoso. O docente, mesmo que apresentando ótima formação acadêmica, dificilmente conseguirá trabalhar na rede privada, com algumas exceções, é claro. Geralmente, na rede privada a barreira é quase intransponível.

Mesmo quando o docente é aprovado em concurso público, ainda encontra dificuldades e é posto em constante vigilância ao exercer o cargo, como enfatiza Ramos (2011):

> a presença desses professores não se configura em uma aceitação incondicional. Ela é incessantemente colocada em xeque. Há, de certa forma, um olhar mais vigilante e atento, especialmente quando eles ainda não são conhecidos e estão iniciando suas atividades nessas instituições. O período de adaptação desses profissionais - assim como ocorre com a adaptação das crianças - é, também, marcado pelo olhar vigilante do outro e pelas indagações, tantas vezes não explícitas, sobre a capacidade (ou não) de dar conta do recado (RAMOS, 2011, p. 8).

Sayão (2005) argumenta que a maior presença do homem na EI diminuiria o preconceito e o desconforto, pois "[q]uanto maior o envolvimento de homens na Educação Infantil, aumentará a opção de carreira para eles, contribuindo para que se desfizesse a imagem de que esta etapa da educação básica é um trabalho apenas para mulheres (...)" (SAYÃO, 2005, p. 16).

A abertura de concursos públicos exclusivamente para a Educação Infantil vem oportunizando o acesso e o aumento da presença masculina nas instituições e na regência das salas de aula de EI. Esses docentes trazem colaborações importantes e significativas para a carreira e para os alunos, por conseguinte, para a sociedade.

A QUALIFICAÇÃO DOS DOCENTES DA PESQUISA

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394 promulgada em 20 de dezembro de 1996, a qualificação/titulação mínima exigida para habilitar o professor a exercer a docência na EI é o Ensino Médio na modalidade Curso Normal. Sendo assim, foi questionado aos respondentes se haviam feito o Ensino Médio na modalidade Curso Normal, quando obtivemos 6 (seis) respostas confirmando que haviam feito o Curso Normal, enquanto 1 (um) respondente fez o Normal pós-Médio e 4 (quatro) fizeram o Ensino Médio em outras especialidades.

Avançando no que diz respeito à qualificação desses professores, 9 (nove) docentes possuem licenciatura plena concluída e 2 (dois) estão cursando a graduação, sendo 1 (um) em Pedagogia e 1 (um) em Letras: Português / Espanhol.

Entrar e assumir uma turma de educação infantil não é uma tarefa simples e natural, principalmente quando se trata do docente do sexo masculino. Por mais que esse professor tenha habilitação e qualificação para exercer sua atividade profissional como observamos acima, socialmente e culturalmente o pensamento é que esse docente tende a oferecer algum risco aos pequenos.

O que comprova que a docência na educação infantil para o professor do sexo masculino é uma tarefa muitas vezes complicada, e o início é ainda mais desafiador.

A CHEGADA DOS DOCENTES DO SEXO MASCULINO NA EI

O primeiro contato direto do professor da Educação Infantil com as crianças pequenas geralmente ocorre durante o estágio obrigatório realizado ainda no Ensino Médio, para os estudantes que cursam o Ensino Médio na modalidade Curso Normal e/ou durante a licenciatura em Pedagogia. Já o contato teórico é realizado pelas disciplinas que têm relação com a Educação Infantil, em que os estudantes adquirem bagagem de conhecimentos teóricos, que subsidiarão a prática pedagógica.

Pensando sobre esse primeiro contato dos estudantes/docentes com essa primeira etapa da educação básica, questionamos sobre a realização do estágio e se cursaram alguma disciplina alicerçada na EI. A maioria dos personagens da pesquisa teve um primeiro contato teórico e/ou prático com a EI ainda durante a vida acadêmica como estudantes. Dos 11 respondentes ao questionário, 7 deles, representando 63,6%, afirmaram que realizaram estágio obrigatório na EI, e 4 (36,4%) sinalizaram que não realizaram o estágio. A título de curiosidade, os docentes

que não realizaram estágio são os que não fizeram Ensino Médio na modalidade Normal, assim como não são pedagogos.

Sobre terem cursado alguma disciplina na área da EI durante o Ensino Médio ou Superior, 9 docentes (81,8%) afirmaram que cursaram alguma disciplina, contra apenas 2 (18,2%) que responderam não terem cursado nenhuma disciplina direcionada à EI.

Sobre a experiência do primeiro contato prático com os alunos da EI, com a unidade escolar e com os responsáveis, os docentes disseram:

> *"A escola me acolheu muito bem." (Prof. Vinicius)*
> *"Excepcional! Muito agradável e positiva. Estagiei em creche privada e fiquei numa turma de pré-escola. As crianças agiam naturalmente à minha presença, sem nenhum espanto, inclusive os pais e responsáveis." (Prof. Sérgio)*
> *"Foi uma experiência interessante..." (Prof. Aurélio)*
> *"Tranquilo. Não houve surpresa com a minha presença e gostei do período em que estive na creche e pré-escola." (Prof. Gabriel)*
> *"Sim. Maravilhoso!" (Prof. Ribeiro)*

A chegada à unidade escolar e o período de realização do estágio transcorreu de forma harmoniosa e sem problemas, para alguns dos nossos informantes, tornando essa experiência satisfatória, como relatado acima. Destacamos que esses docentes realizaram os estágios obrigatórios com equipes femininas, ou ainda que eles não realizaram os procedimentos atribuídos às mulheres como por exemplo os cuidados com a higiene das crianças. Também é possível interpretar as falas dos nossos informantes fazendo um cruzamento com as orientações sexuais dos mesmos, juntamente com as identidades de gênero serem heterossexuais e masculinas. Podemos ainda somar o fato de que eles evitaram evidenciar os problemas e percalços que enfrentaram durante suas vivências enquanto estagiários. Por fim compreendemos que nem sempre as falas / respostas correspondem com a realidade vivida pela maioria dos docentes do sexo masculino que atuam na EI e anos iniciais do ensino fundamental.

Após a realização do estágio obrigatório e a finalização da formação acadêmica, é chegada a hora do até então estudante assumir a função de docente à frente da turma de EI.

> A educação infantil – tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola – é uma atividade historicamente vinculada à "produção humana" e considerada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais, que podem estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas (ROSEMBERG, 1999, p. 11, grifos do autor)

A docência masculina na EI é tão desafiadora e apresenta uma barreira tão difícil de ser rompida que 81,8% dos respondentes afirmaram já terem atuado em outras atividades e/ou outras etapas da educação antes de conseguir uma colocação na EI. Conforme Rosemberg (1999) afirma acima, a EI é vinculada ao sexo feminino. Assim, pela aproximação dessa etapa da educação com o sexo feminino, acaba por afastar os professores do sexo masculino por conta do preconceito enraizado na sociedade.

Os relatos nos mostram a diversidade de atividades profissionais e de segmentos que os docentes exerceram antes de se dedicarem à EI, como vendedor, caixa de loja, área administrativa, academia entre outros, como descrito abaixo:

> *Fui garçom, faxineiro, segurança, vendedor e caixa de loja, detalhe: com faculdade... (Prof. Vinícius)*
> *Gestão educacional (secretaria escolar – ensino fundamental – 4 anos); Administrativa (segmento engenharia – 15 anos). (Prof. Sérgio)*
> *9 anos em academia. (Prof. Augusto)*
> *Supervisor bancário. (Prof. Guilherme)*
> *Assistente administrativo. (Prof. Júnior)*
> *Assistente administrativo. (Prof. Oliveira)*

Os motivos que levaram os docentes a entrarem para a EI também são diversificados, uns sempre desejaram, outros não se identificavam. Entretanto, a aprovação em concurso público foi o que levou a maioria a enfrentar o desafio de lecionar para os pequenos.

O Prof. Vinícius disse que "*devido ao preconceito, as oportunidades, em sua maioria, foram através de processos seletivos de prefeituras*", o que mostra a dificuldade para exercer a profissão, principalmente na esfera privada. Já o Prof. Sérgio, disse que "*sempre gostei de ser professor, porém me identifico com Ensino Fundamental. A Educação Infantil veio por conta de concurso público*".

Os professores Guilherme, Júnior, Gabriel e Aurélio também disseram que entraram para a Educação Infantil após aprovação e convocação no concurso público da cidade do Rio de Janeiro, porém Aurélio destoou dos colegas de profissão, pois foi o único nesse universo de 11 docentes que "*Por falta de oportunidades, acabei aceitando um convite para trabalhar com Educação Infantil, mesmo meio frustrado, por inicialmente não gostar da área*". Ainda de acordo com Aurélio, *"por falta de vaga no Fundamental tive que aproveitar a oportunidade no Infantil*".

Ramos (2011) pontua que o "ingresso dos professores homens é marcado por inúmeros estranhamentos, interdições e desafios. A presença masculina nesse ambiente

predominantemente feminino é cercada de maior cuidado e expectativa, por parte da comunidade". Sendo assim, é preciso que o docente masculino comprove a todo momento que é capaz de exercer a profissão e desenvolver com qualidade a prática pedagógica na EI, sempre em comparação às mulheres.

Quando foram questionados a se lembrar de como foi o início da docência na EI, os docentes disseram:

> *Horrível! Eu já tinha criado a expectativa de assumir turmas de pré-escola em escolas municipais, porém fui lotado numa creche no maternal 1. Foi um grande impacto... Eu não queria ir para a creche, justamente por causa do preconceito... (Prof. Gabriel)*
> *Muito difícil, por ser homem... (Prof. Vinicius)*
> *Demorei alguns anos para conseguir me colocar no mercado, pois havia um grande preconceito. (Prof. Oliveira)*
> *Tive um certo receio por ser um público que nunca tinha trabalhado antes, senti um pouco de dificuldade em relação à utilização dos espaços... (Prof. Augusto)*

A chegada e a entrada do professor do sexo masculino na Educação Infantil geralmente é um momento conturbado, como os professores acima descreveram. O desconforto e a insegurança sentidos pelos docentes parte principalmente por estarem se enveredando por um ambiente de trabalho socialmente construído e caracterizado como um espaço destinado ao sexo feminino.

O Prof. Oliveira teve dificuldades também por ser do gênero masculino, como afirmou: "Algumas portas foram fechadas não devido à competência e engajamento profissional, mas por ser do sexo masculino".

Por mais que o docente tenha qualificação exigida para a função, ele irá encontrar dificuldades no início da docência, como Silva (2014) sinaliza:

> Esse profissional mesmo apresentando uma boa formação acadêmica, dificilmente consegue trabalhar nesta área a não ser que seja através de concurso público, mesmo assim, tendo que lidar com preconceitos, tendo que provar diariamente sua capacidade (SILVA, 2014, p. 16).

A colocação de Silva (2014) vem ao encontro com as narrativas dos nossos personagens, validando que o ingresso do docente na Educação Infantil se dá principalmente através de concurso público. Nossa pesquisa, juntamente com os estudos de Sayão (2005) e Moreno (2017), confirmam que o concurso público é a porta de entrada desses docentes. Nesse sentido, nossos respondentes foram questionados se atuam/atuaram em escolas públicas ou privadas.

Para essa pergunta, 7 docentes atuam/atuaram em unidades públicas, e 3 em unidades escolares privadas. Apenas o Prof. Silva falou que atuou tanto na rede pública quanto na rede privada. Assim, os atores da nossa pesquisa confirmam que a principal forma de entrar e atuar nesse segmento da educação básica é através da aprovação em certames públicos.

Silva (2014) salienta que grande parte dos professores ingressa na docência através dos concursos públicos abertos anualmente pelos municípios, estados ou país. Assim, muitas vezes esses professores são forçados a se inscrever e aceitar as vagas disponíveis, sem que tenham total interesse nas mesmas. Esses profissionais inscrevem-se nos concursos públicos pela oportunidade de uma estabilidade profissional e financeira.

Como a maioria dos concursos públicos e das vagas na área da educação são para docentes do Ensino Fundamental 1, que abrange a Educação Infantil (creche e pré-escola) e 1º, 2º, 3º, 4º ou 5º ano do Ensino Fundamental. Assim, muitas vezes esses professores se veem obrigados a aceitar a vaga na EI, por não terem vagas no Ensino Fundamental, como foram os casos do Professor Júnior, que afirmou que o "Primeiro concurso que fui aprovado só tinha vaga na Educação Infantil" e do Professor Aurélio, "Por falta de vaga no Fundamental tive que aproveitar a oportunidade no Infantil".

Ainda assim, as dificuldades enfrentadas logo no início da carreira do magistério fizeram com que os docentes ganhassem a confiança e o gosto pela profissão, assim como se sentirem capazes de vencer e superar os percalços.

AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS DOCENTES

Por mais que já tenham acontecido muitas mudanças na educação desde sua implementação no Brasil, ainda é observado que a docência masculina, principalmente na EI, não é bem recebida pela sociedade. Rosemberg (1999, p. 11) acrescenta que "as atividades do jardim-da-infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX, tendo ideais diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período".

Os docentes do sexo masculino que atuam na EI enfrentam muitas dificuldades, discriminações e preconceitos por estarem nessa etapa da educação que socialmente vem sendo direcionada ao gênero feminino: "Algumas falas mostram vivências não explícitas, mas escondidas, olhares, desconfianças. Percebemos que a questão do cuidar e educar, nas notícias vinculadas à mídia e até mesmo à capacidade dos docentes é questionada" (MORENO, 2017,

p. 128), fazendo com que o docente tenha que percorrer e passar por todo um processo, que inclui comprovar para a comunidade escolar que não é e não representa uma ameaça para os pequenos.

Cabe ressaltar que geralmente a ameaça em questão é sobre o abuso sexual que o professor do sexo masculino ofereceria às crianças pequenas.

Vários são os desafios que os docentes precisam vencer para comprovar e convencer a comunidade escolar e a sociedade que não são uma ameaça às crianças e que estão aptos e habilitados para exercer a função de docente da EI, sem medo de comparação com o docente do gênero feminino. Os docentes têm que "provar que possuem capacidade, habilidade e competência para educar e cuidar de crianças pequenas e que não representam ameaças, nem são capazes de cometer abusos de qualquer natureza contra as mesmas" (RAMOS, 2011, p. 113).

Sobre os desafios e dificuldades encontradas pelos docentes no exercício da profissão, foram perguntados se sofreram algum tipo de preconceito/desconforto por ser homem e atuar na EI, 6 (seis) dos nossos respondentes confirmaram terem sentido alguma forma de desconforto, como o professor Silva dizendo que "Passei o ano inteiro sendo vigiado. Sim, vigiado!", ou ainda como o professor Vinícius contou que "Já fui chamado de 'viado e pedófilo' entre outros".

O professor Gabriel também sentiu um "desconforto com relação a desconfiarem de mim como um possível abusador". As pesquisas de Sayão (2005), Ramos (2011) e Moreno (2017) evidenciam a construção cultural da docência da EI ser associada ao gênero feminino, o que geralmente motiva e ocasiona os estranhamentos, desconfortos e preconceitos quanto à presença do docente do sexo masculino no ambiente e espaço composto majoritariamente por mulheres. Sayão (2005) aponta que:

> São evidentes os preconceitos e estigmas originários de idéias que vêem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. Dado que, historicamente, e como uma continuação da maternidade, os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (SAYÃO, 2005, p. 16).

Os prejulgamentos e as dificuldades encontradas pelos docentes que optam por seguir a docência na EI são situações e acontecimentos que acabam marcando a trajetória de inúmeros

docentes e profissionais da educação, pois, segundo Souza (2010), a "visão ainda predominante em nossa sociedade de que a educação e o cuidado de crianças é um aspecto ligado ao feminino", agravam as discriminações sentidas pelos respondentes, como retratado abaixo:

> *Entretanto, quando se trata de família, ainda existe uma imagem, por algumas delas, de que somente a mulher é aquela com o "dom de cuidar" e que Educação Infantil não é lugar de homem. (Prof. Inocêncio)*
> *No início das aulas com a Educação Infantil que ouvi alguns comentários preconceituosos por ser homem da parte dos responsáveis. (Prof. Augusto)*
> *Alguns responsáveis se assustaram com a presença de um homem no ambiente onde há quase que uma totalidade de professoras, cheguei a escutar coisas como: "Ué?! Um homem vai dar aula aqui na escola?". (Prof. Augusto)*
> *Alguns pedem para me conhecer, perguntam quem sou eu, "quem é esse cara que anda pela escola?". (Prof. Guilherme)*
> *Percebi um certo receio dos pais. (Prof. Junior)*

Sayão (2005) adverte que o preconceito é um dos fatores mais mencionados pelos docentes do sexo masculino que atuam na Educação Infantil, já que essa etapa da educação é de controle do sexo feminino. Esse preconceito e estigmas existem pelo simples fato do docente ser do sexo masculino e estar em contato direto com os pequenos, como anuncia. Araújo (2017):

> O professor, quando está à frente de um trabalho que envolve o cuidado com os pequenos, sofre, muitas vezes, com o preconceito, com os estigmas culturais que lhe são colocados por falta de conhecimento e compreensão de que, naquele momento, naquele espaço, o olhar deveria estar voltado para o profissional (ARAÚJO, 2017, p. 16).

O que deveria ter importância seria o trabalho realizado e a formação do profissional, porém não é bem assim que funciona na realidade. As vivências e experiências que os respondentes relataram, demonstram uma espécie de segregação. Na EI, observamos o medo e o receio quando se tem o regente de turma do sexo masculino, sendo que o mesmo não acontece quando o docente é do sexo feminino.

Entre as diversas atividades realizadas na EI estão o banho e o ato de trocar as crianças, que são atividades vistas como naturais em se tratando do sexo feminino. Porém, essas mesmas atividades corriqueiras e naturais para com as crianças pequenas, são encaradas como tabus quando se tem o regente de turma do sexo masculino. Como apontado pelo Prof. Júnior quando questionam: "Minha filha vai ficar numa sala com um homem?". Esse questionamento foi ouvido pelo professor de um dos responsáveis da escola. Ou ainda pela preocupação demostrada

pelo Prof. Gabriel, “nos primeiros dias, tive receio de colocar a criança sentada no colo e dar banho...”.

Silva (2014) enfatiza e destaca a questão da anormalidade que o docente do sexo masculino causa ao assumir uma turma:

> Outra marca da docência masculina na educação infantil está ligada aos comportamentos sexuais - o homem “meio homem”- o gay e o medo da pedofilia. Neste contexto, os desvios são colocados como anormalidades que devem ser sanadas, ou seja, as crianças devem se manter distantes do *selvagem*, para não perderem a dimensão pura, ingênua e dócil do corpo infantil. Essa imagem do homem-selvagem carrega em si a história dos preconceitos e das dolorosas formas de constituir uma visão única sobre masculinidade (SILVA, 2014, p. 103).

Mesmo com todos os depoimentos dos respondentes, não podemos generalizar e muito menos afirmar que todos os docentes do sexo masculino que atuam na EI sofreram ou sofrerão algum tipo de preconceito, visto que cada unidade escolar, cada família, cada professor é único e com particularidades distintas.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

O questionário contou com a pergunta 41: Como é a relação com as crianças? Você nota alguma atitude diferente nelas por você ser homem?

Com as perguntas acima, objetivamos observar como os atores da pesquisa percebiam e sentiam a reação, aproximação ou distanciamento das crianças em relação à presença do docente do sexo masculino na sala de aula.

O professor Vinicius relatou que “acho que veem em mim a paternidade ausente”, a questão levantada pelo professor também foi reforçada por Ramos (2011), pois, de acordo com o pesquisador, o vínculo paternal se estabelece principalmente quando a criança não possui a figura paterna no ambiente familiar, logo, enxerga e vê no professor essa figura paterna.

O Professor Sérgio confirma essa questão em seu relato, no qual “A única atitude que percebo seja, talvez, a carência da figura paterna em suas casas, o que os deixam muito mais agarrados aos profissionais masculinos da creche em que trabalho”. A questão da figura paterna também foi levantada pelo Professor Ribeiro, pois “Elas tinham eu e uma professora mulher, e chamavam a gente de ‘pai e mãe da escola’”. Ainda sobre a presença e referência masculina, o Professor Guilherme relatou:

> *Na escola onde atuo sou o único homem. O único homem entre professoras, direção, pessoal de apoio e merendeiras. Assim, as crianças me têm como a única referência masculina na escola. Eles, na maioria, são muito carinhosos comigo. Às vezes, chego a ficar constrangido por ser tão assediado.*

Também foi levantado pelos professores a importância da presença masculina na EI como forma de posicionamento quanto ao fato de que muitas crianças são cuidadas apenas por pessoas do sexo feminino ou tenham contato apenas com a figura feminina, como conta o Prof. Aurélio.

> *"Com toda a certeza, as crianças agem diferente pelo fato de ser homem, principalmente sendo um homem negro, mas isso não quer dizer que eu fui maltratado ou não, mas sim que foi importante para elas terem a experiência de lidar com a diversidade. Isso com certeza fará uma diferença na trajetória delas, rompendo com diversas formas de estigmatização. A presença masculina é importante na educação infantil por mostrar a tarefa de cuidar das crianças não está só relegada as mulheres."*

Por serem minoria e às vezes excepcionalidade dentro da unidade escolar, algumas crianças também apresentam e demonstram orgulho em ter um professor do sexo masculino na sua turma, como falou o Professor Oliveira: "orgulho de ter um professor homem. Elas admiram e até brincam. Exemplo: 'Eu tenho um professor homem e você não'".

Já o Prof. Silva contou que "as crianças demonstram ter mais respeito ao ver a figura masculina".

Também foi solicitado aos professores que mencionassem memórias ou momentos positivos quanto à docência na EI. Sobre esse questionamento, a maioria citou como fato positivo e marcante a recepção e o acolhimento por parte das crianças, como observado abaixo:

> *"A recepção das crianças foi a melhor coisa no primeiro dia de aula." (Prof. Ribeiro)*
> *"Eu sou o único homem na escola. As crianças me adoram." (Prof. Guilherme)*
> *"Os momentos positivos são as crianças. Elas são contagiantes." (Prof. Sérgio)*
> *"Os alunos são incríveis." (Prof. Junior)*
> *"Aprendizagem com as crianças pequenas." (Prof. Aurélio)*
> *"Positiva a receptividade e o carinho das crianças, são extremamente carinhosas e sinceras." (Prof. Augusto)*

Conforme apontado pelos professores, as crianças não demonstram reações contrárias ou de repúdio à presença deles em sala de aula e nas unidades escolares, pelo contrário, os pequenos gostam, sentem orgulho e respeito pela presença e representatividade da figura

masculina na educação. E, por conseguinte, são o ponto positivo e forte na vida desses docentes da educação.

Portanto, no presente capítulo foi possível ratificar o cenário da EI se apresentando como ambiente propício aos docentes do sexo feminino. Entretanto, já demonstrando certa abertura, principalmente aos docentes advindos dos concursos públicos, o que tem se tornado essencial para validar a entrada desses professores do sexo masculino na EI. Através dos discursos dos nossos respondentes, podemos compreender melhor as adversidades e os contratempos que esses e os demais professores que entram nessa etapa da educação têm que passar até conseguir se firmar como docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminar a pesquisa, ou melhor, retomar os objetivos iniciais para a construção e seu desenvolvimento, relembrando e revisitando lembranças e os motivos que levaram os docentes a escolher a Educação Infantil como profissão é um exercício necessário.

A pesquisa indicou que as discussões sobre a presença do professor do sexo masculino atuando como regente de turma da educação infantil ainda requer discussões e olhares mais aprofundados, uma vez que o tema em questão vem carregado por sinais e vestígios socioculturais, idealizados a partir dos papéis sociais adotados e construídos em torno dos gêneros, principalmente na questão binária (masculino/feminino).

O sexo feminino tem sua figura associada ao ensino das primeiras séries do sistema de ensino, principalmente quando se fala em EI, por conta de suas características como pessoas carinhosas, doces, meigas, amorosas, entre outras. Portanto, essas características idealizadas pela sociedade que aproximaram as mulheres ao ensino primário, são as mesmas que afastaram os homens, já que os mesmos não possuíam os atributos naturalizados como femininos, pelo contrário, o modelo masculino tradicional foi construído a partir de traços opostos reforçando traços como a força e a dominação.

Em outras palavras, a sociedade prega e impõe um modelo de masculinidade ao homem onde este é percebido como indivíduo vigoroso e enérgico, enquanto as mulheres são percebidas como carinhosas e meigas, indicando e naturalizando o feminino como mais apto à docência com os pequenos. Entretanto, o homem não é menos habilidoso ou menos competente do que a docente do sexo feminino para o trato, cuidado e educação das crianças pequenas, apenas por ser do sexo masculino.

Mesmo que o contexto de concepção da EI venha sendo associado ao gênero feminino, os docentes da nossa pesquisa conseguiram romper a forte barreira imposta pela sociedade em que o ensino dos pequeninos não seja tarefa para o gênero masculino.

Ao analisar as histórias das trajetórias profissionais dos docentes participantes da pesquisa, foi possível constatar primeiramente o gosto pela docência nessa etapa da educação, como também identificar a aprovação em concurso público como porta de entrada dos professores nesse segmento. Portanto, as aberturas de vagas em concursos públicos em níveis municipais e estaduais aumentaram significativamente a quantidade de docentes do sexo masculino que atuam na EI.

Mesmo que tenham que passar por vigilância constante, percalços e desafios como desconfiança, preconceito, medo e perseguição, os docentes afirmaram que o fato da aprovação em concurso público, resultando em estabilidade profissional e financeira, configuram como fatores e razões para a entrada na EI.

Em relação à autopercepção, os docentes participantes da pesquisa ecoaram a voz evidenciando que em relação à realização do estágio obrigatório não encontraram nenhum tipo de resistência ou obstáculo, talvez por não assumirem as turmas e sendo responsáveis pelas crianças. Entretanto, quando chegaram às unidades escolares como professores que iriam assumir e se responsabilizar pelas crianças, enfrentaram sim vários obstáculos e dificuldades, tanto pelos profissionais que compõem a escola quanto pelas famílias dos alunos.

Já de acordo com as falas em relação à percepção das crianças. Ficou evidente que para elas não interessa o sexo do docente. O importante é a maestria que o docente tem em realizar suas tarefas, tornando assim o processo de ensino aprendizagem mais significativo.

Logo, entendemos que os resultados obtidos na pesquisa retratam as dificuldades encontradas pelos professores do sexo masculino ao entrarem e permanecerem na EI, resultantes dos valores reforçados pela sociedade em que vivemos, onde o ser homem ou ser mulher tem modelos idealizados de profissão.

Neste cenário, faz-se mais do que necessário e inevitável buscar esforços, a fim de desconstruir a imagem da EI como um segmento profissional feminino, da mesma forma que é importante questionar as estruturas hegemônicas, provocando a reflexão e ruptura de conceitos criados e moldados pela sociedade. Para tanto, torna-se fundamental ponderar sobre novas formas de viver e expressar as masculinidades, assim como as profissões.

Diante do exposto acima, pensando nos relatos e histórias participadas, vimos que os profissionais continuam em processo de desenvolvimento e aprimoramento de suas práticas educacionais. Entretanto, já percorreram um longo caminho até aqui, ressignificando, resistindo e defendendo a equidade entre os gêneros na docência da EI.

Levando em consideração alguns marcadores sociais de diferenças, como raça/etnia, moradia, idade, tempo de ingresso no serviço público, orientação sexual, entre outras categoriais nos fez assimilar a complexidade das identidades e perfis dos docentes e suas motivações na abertura de caminhos fortalecendo a si mesmos e aos outros professores que atuaram/atuam/atuarão na EI. Por fim, vale destacar que o ato de atuarem nessa etapa da educação, demonstra que a docência na EI não é exclusiva ao sexo feminino. A presença masculina nos mostra que, se o profissional tem capacidade e qualificação para tal, a educação infantil deve estar aberta à equidade rompendo, assim, com os preconceitos, discriminações e outras práticas excludentes que habitam as relações e hierarquias de gênero.

REFERÊNCIAS

ANYON, Jean. Interseções de gênero e classe: Acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 73, p. 13-25, maio, 1990.

ARAÚJO, Tiago S. dos. **Vai ter professor-homem na educação infantil, sim!** Rompendo paradigmas. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2017.

BONFIM, Flávia Gaze. Declínio viril e o ódio ao feminino: entre história, política e psicanálise. **Periódicus**, Salvador, n. 13, v.1, p. 09-24, mai.-ago.2020. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/35256/21725. Acesso em: 22 fev. 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Sinopse Estatística da Educação Básica 2019**. Brasília: INEP, 2019b. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-basica. Acesso em 10 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 9.394**, de 20 de dez. 1996.

FONSECA, Thomaz Spartacus Martins. O professor homem nos anos iniciais do ensino fundamental, formação e feminização: questões de gênero? In: FAZENDO Gênero: Diásporas, diversidades, deslocamentos. Florianópolis, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MORENO, Rodrigo Ruan Merat. **Professores homens na Educação Infantil do município do Rio de Janeiro**: vozes, experiências, memórias e histórias. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, 2017.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Os professores e a profissão.** Lisboa: Dom Quixote, 1992. p.15-33.

RABELO, Amanda. Professores Homens nas Séries Iniciais: escolha profissional e mal estar docente. **Revista Educação & Realidade.** 35. ed., 2010. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8198. Acesso em: 03 jan. 2021.

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre professores homens da educação infantil e as relações de gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte – MG**. Dissertação (mestrado em educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação Belo Horizonte, 2011.

RIBEIRO, Elisa. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais**, Araxá, n. 4, maio 2008. Centro Universitário do Planalto de Araxá.

ROSEMBERG, Fúlvia. Expansão da educação infantil e processos de exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, p. 7-40, jul. 1999.

SARGENT, Paul. The gendering of men in early childhood education. **Sex Roles, Springer Science + Business Media**, v. 52, n. 3/4, p. 251-259, fev. 2005.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil**: um estudo de professores em creche. 2005. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, Claudionor Renato da. **Docência masculina da educação infantil**: impressões de um iniciante. Gênero e raça em discussão. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

SOUZA, Mara Isis de. **Homem como professor de creche:** sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais. 2010. 248 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Ribeirão Preto, SP, 2010.

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Tematicas, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977. Acesso em: 20 jan. 2021.